

ALVES, Teodora de Araújo.

Consciência cênico-vivencial e corpo religado: Percursos e configurações em dança contemporânea

Natal/RN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/PPGARC da UFRN

Docente do Curso de Licenciatura em Dança da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Diretora artística do Grupo de Dança da UFRN (GDUFRN) e Gestora de Arte e Cultura da UFRN. Áreas de pesquisa: Dança, Corpo, Corporeidade, Cultura, Política cultural e Educação.

RESUMO: A pesquisa discute o envolvimento efetivo do corpo no processo de criação em dança contemporânea a partir do pressuposto da consciência cênico-vivencial, isto é, aquela construída no envolvimento do corpo com o texto a ser dançado, encenado; com o espaço a ser criado-recriado, com o tempo a ser construído-reconstruído (Alves, 2010, p. 219). Reconhecendo, portanto, que há uma intencionalidade mobilizadora da ação, e, dependendo do modo como essa intencionalidade é construída no contexto de criação em dança, ela cria percepção, consciência e permite o corpo se expressar cênicamente (Alves, 2010). Ao dançar, o corpo pode se apresentar em estado flutuante ou submerso. Flutuante porque vagueia na cena em função do distanciamento do texto ou da textualidade da dança ou ainda reproduz elementos da dança sem um mergulho, sem uma consciência de si em busca de um estado mais consciente do que se dança. E submerso porque encontra-se em estado de inundação, de imersão cênica. Aqui, o corpo e a dança são um só, religados a partir da tessitura consciente e estabelecida entre o corpo-sujeito, suas idiossincrasias e memórias consideradas no processo criativo da dança e suas inventividades contemporâneas. Tratar de consciência cênico-perceptiva e de corpo religado nos obriga a buscar não apenas no campo teórico, mas, sobretudo, no campo reflexivo-vivencial da dança, a compreensão ou o desvelar de tais fenômenos. Para tanto, elegemos como campo investigativo, o elenco e o novo processo cênico do Grupo de Dança da UFRN, considerando que se trata de um processo com a intenção de abordar aspectos identitários dos corpos que dançam e ao mesmo tempo aspectos contemporâneos da dança que se propuseram a construir. A presente pesquisa, portanto, é de abordagem fenomenológica e tem desvelado os sentidos e significados do processo criativo e cênico do referido Grupo. Nesse percurso, há questões norteadoras sobre como o trabalho cênico vem sendo construído e qual o diálogo estabelecido com os corpos que dançam, na perspectiva de compreendermos se há corpos flutuantes ou corpos submersos em cena.

PALAVRAS CHAVE: Dança, Processo criativo, Corpo religado, Consciência cênico-vivencial

ABSTRACT: The research discusses the effective involvement of the body in the process of creation in contemporary dance from the assumption of the scenic-experiential consciousness, that is, the one built in the body's involvement with the text to be danced, staged; with space to be created-recreated, with time to be built-rebuilt (Alves, 2010, p.219). Recognizing, therefore, that there is an intentionality that mobilizes action, and depending on how this intentionality is constructed in the context of creation in dance, it creates perception, awareness and allows the body to express itself in its own way (Alves, 2010). When dancing, the body may present itself in a floating or submerged state. Floating because it wanders in the scene due to the distancing of the text or the textuality of the dance or even reproduces elements of the dance without a dive, without a self-consciousness in search of a more conscious state of what one dances. And submerged because it is in a state of flood, of scenic immersion. Here the body and dance are one, re-connected from the conscious and established tessitura between the subject body, its idiosyncrasies and memories considered in the creative process of dance and its contemporary inventiveness. To deal with scenic-perceptive consciousness and a reconnected body forces us to seek not only in the theoretical field, but above all in the reflective-experiential field of dance, the understanding or the unveiling of such phenomena. In order to do so, we chose as the research field the cast and the new scenic process of the Dance Group of the UFRN, considering that it is a process with the intention of addressing the identity aspects of the bodies that dance and at the same time contemporary aspects of the dance that are proposed to build. The present research, therefore, is of phenomenological approach and has revealed the meanings and meanings of the creative and scenic process of said Group. In this course, there are guiding questions about how the scenic work is being built and the dialogue established with the dancing bodies, with a view to understanding if there are floating bodies or submerged bodies on the scene.

KEYWORDS: Dance, Creative process, Reconnected body, Scenic-awareness

A presente pesquisa, de abordagem fenomenológica, buscou desvelar os sentidos e significados do processo criativo e cênico do Grupo de Dança da UFRN (GDUFRN), a partir da experiência vivida pelo elenco durante a criação do Espetáculo (Des)Caminhos. Para tanto, elegeu os pressupostos da consciência cênico-perceptiva e do corpo religado (Alves, 2010, 2015), buscando perceber como os corpos que participaram do processo cênico-criativo e do espetáculo se configuram enquanto corpos flutuantes ou corpos submersos. Corpos flutuantes que vagam pela cena, sem possivelmente terem tido o mergulho suficiente no processo criativo ou mesmo este não ter reverberado o necessário para permitir que o corpo religado estivesse presente. Corpos submersos que mergulharam no processo e foram afetados o

suficiente por este. O fato é que, a intenção maior desde o início do processo, foi a busca pelo mergulho, pela submersão e pela presença visceral de cada corpo que esteve no processo de criação do referido espetáculo, sem esquecermos das variáveis que surgiram no processo e que foram nos provocando e nos levando a outros caminhos ou mesmo a alguns descaminhos cênicos.

O GDUFRN está em atividade ininterrupta há 28 anos na UFRN e vem, ao longo de sua história, desenvolvendo diversas ações no campo da dança, tais como espetáculos, oficinas em espaços externos à universidade, aulas abertas, residências artísticas e funcionando como espaço propulsor de pesquisas na graduação em Dança, no Mestrado em Artes Cênicas da UFRN e de estágios supervisionados.

O processo criativo do espetáculo (Des)caminhos foi iniciado em 2016 quando a diretora do GDUFRN propôs ao elenco uma pesquisa sobre a obra *Turista Aprendiz*, do escritor Mário de Andrade. Esta obra em muito lhe interessava pelo fato de ter sido relançada em novembro de 2015, marcando os 70 anos de morte de Mário de Andrade e, sobretudo, por ela simbolizar aspectos importantes para a História cultural do Brasil e do Rio Grande do Norte, bem como pelo fato de em dezembro de 2018 completar 90 (noventa) anos da passagem de Mário de Andrade pelo RN.

Uma das principais especialistas na obra do escritor, responsável pela organização do Arquivo Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP, a professora e pesquisadora Telê Ancona Lopez nos diz, em entrevista ao *Jornal O Globo* (Freitas, 2015),

O turista aprendiz é até hoje um livro de 'impressionante atualidade', que mostra 'o valor de uma postura sem preconceitos, em sua capacidade de viver o Brasil' e 'denunciar descaminhos'. A imersão na singularidade do Brasil mudou Mário de Andrade, fecundou a criação do artista e os projetos do etnógrafo, do musicólogo, do historiador da arte, do defensor do nosso patrimônio material e imaterial. (Lopez *in* Freitas, 2015)

Nesse início do processo criativo e da pesquisa, a diretora do Grupo comentou brevemente sobre a referida obra e destacou alguns trechos, incluindo comentários sobre os caminhos percorridos por Mário de Andrade no Norte e Nordeste brasileiro, já solicitando que cada um buscasse conhecer a obra e o autor, percebendo sempre as possíveis relações da viagem de Mário com o cotidiano e as memórias de cada integrante do Grupo.

Após esse preâmbulo sobre a intenção de mergulharmos em “O turista aprendiz”, resolvemos ainda no primeiro semestre de 2016, iniciar o processo de modo mais concreto com a leitura do livro *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas, 1924 – 1944*, de autoria do professor Marcos Morais. Essa iniciativa de lermos a obra, que complementaria ao longo do processo a leitura de “O turista aprendiz”, foi pelo fato de se tratar de textos trocados entre o principal autor (Mário de Andrade) sobre o qual o espetáculo iria se pautar e o outro escritor da nossa cidade (Câmara Cascudo). Desta obra, destacamos e registramos muitas falas de Mário e Cascudo, identificando a grande relação de amizade entre os dois, o desejo e as dificuldades de Mário em viajar ao Rio Grande do Norte por diversas vezes, e, em especial a Natal, cidade que ele tanto elogiava e dizia sentir saudades dos saberes, sabores e dos amigos escritores e poetas da cidade.

Após a leitura e reflexão do livro, propusemos que os dançarinos-intérpretes trouxessem cartas que tivessem em suas casas para serem trabalhadas no encontro seguinte. As cartas foram lidas e comentadas refazendo assim as memórias e os sentimentos de cada integrante. Histórias muito interessantes foram compartilhadas, algumas advindas das relações com seus parentes, com pessoas amigas, algumas delas extremamente emocionantes, tristes e engraçadas.

A partir das referidas cartas, solicitamos que criassem sequências de movimentos e que dançassem pequenas partituras corporais baseadas em trechos de suas cartas. O procedimento de criação dessas sequências também foi fundamentado em narrativas autobiográficas, ao considerarmos suas memórias e as dimensões pessoais, sociais e políticas vividas e no voltar-se

para suas histórias, remetendo-os a constantes desafios em relação às suas experiências (Souza, 2006).

As narrativas presentes em suas cartas e as suas próprias leituras e comentários sobre as histórias presentes em cada uma delas, os impulsionaram a criar a movimentação durante um dos laboratórios que denominamos de submersão cênica. “As narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes” (Abrahão, 2003, p. 81). Em seguida, formaram-se grupos através de algumas semelhanças entre as cartas.

Outros laboratórios foram propostos também com base nas cartas dos dançarinos-interpretres e nas cartas de Mário e Cascudo, inclusive um deles foi voltado à escrita de novas cartas pelos dançarinos; cartas para Mario e Cascudo. Todos os laboratórios serviram, em alguma medida, para que a direção configurasse a cena denominada “cartas de pijama” e a cena Estação Great Western (malas, partidas e paisagens). Esta cena retrata a saída de Mário de São Paulo e sua chegada à Natal, expressando laços de amizade, olhares, encantamento frente às belas paisagens encontradas e aos brincantes que ali conheceu. Ressaltamos que *Great Western of Brasil Railway Company Limited* era uma empresa ferroviária inglesa que, mediante concessão, em 1873, construiu, explorou e expandiu esse tipo de transporte no Nordeste do Brasil. Portanto, Mario desembarcou nessa estação que também se situava nos municípios potiguares de Goianinha e Nísia Floresta. E lá estavam, o aguardando em 14 de dezembro de 1928, Cascudinho, como o próprio Mario o chamava, e o crítico literário Antônio Bento. Juntos seguiram para Natal.

Foram nos laboratórios de submersão que fomos nos aproximando da ideia de corpo religado. Compreendido na pesquisa como aquele corpo que, na atualidade, ao construir sua dança, com elementos de suas memórias e de um texto proposto, lida também com aspectos, gestualidades e movimentos inusitados, descontínuos, borrados, livres de códigos e padrões pré-estabelecidos. Ao considerar os dançarinos-intérpretes sujeitos do processo criativo, estamos levando em consideração também suas memórias e suas novas aprendizagens; as marcas de uma história já incorporada e as novas a

serem registradas. Assim, o corpo religado dança valendo-se de suas identidades, identificações e memórias, em simbiose com o novo, o descontínuo, o não necessariamente habitual. É nesse vértice onde o tradicional e o contemporâneo se encontram. O tradicional de um corpo que tem em si marcas de sua existência e o contemporâneo de um corpo que é e estar no hoje e na dinâmica de um tempo que, na dança, parece não mais se valer de dualismos, mas de unidade e diversidade, de contínuo e de descontínuo, de racionalidade e de sensibilidade, de presença e ausência, de uma ritmicidade estética pautada no local e no global que marcam esse corpo (Alves, 2010).

A segunda etapa da pesquisa consistiu, agora de modo aprofundado, na leitura, estudo e problematização do livro “O Turista Aprendiz”. A diretora retomou a apresentação do livro e comentou, juntamente com a discente de iniciação científica, sobre como faríamos a leitura e mergulharíamos na obra. Nesse encontro, para que a leitura fosse dinâmica e para que todos fizessem parte da pesquisa, dividimos o livro em partes e cada componente do Grupo ficou responsável por ler uma delas, estudá-las, anotá-las em seus diários de submersão e apresentá-las nos encontros seguintes. Os integrantes do GDUFRRN e a discente de iniciação científica apresentaram o conteúdo lido para o grupo, incluindo suas anotações/observações e algumas ideias cênicas para o espetáculo. Por exemplo, quando Andrade se referia ao gosto dos cajus, alguém do Grupo lembrou da feira e o aroma predominante de caju que há nesse ambiente. E assim também ocorreu com muitos trechos do livro, fomos desvelando algumas memórias de Mário e dos dançarinos-intérpretes. Esse momento foi muito importante no âmbito da pesquisa, pois o estudo coletivo do livro fomentou várias ideias para a montagem do espetáculo e para as experimentações nos laboratórios. Foram necessários quatro encontros para que finalizássemos essa etapa da leitura do livro. E, ao longo de 2017, fomos vivenciando os laboratórios em sala de aula e em espaços externos, com base nos registros escritos e nas memórias dos integrantes.

Um dos valiosos destaques retirados das leituras que realizamos das obras foi o encontro de Mário de Andrade com o coqueiro potiguar Chico

Antônio, com quem se encontrou na Fazenda Bom Jardim, no município do Goianinha/RN. Sobre Chico, Mario disse:

“Que artista. A voz dele é quente e duma simpatia incomparável. A respiração é tão longa que mesmo depois da embolada inda Chico Antônio sustenta a nota final enquanto o coro entra no refrão. O que faz com que o ritmo não se diz! [...] Porque Chico Antônio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco. [...], Mas Chico Antônio ultrapassa em muito os que tenho escutado, pela força viva do que inventa e a perfeição com que embola. (Andrade, 2002, p. 316, 317).

Mario dizia estar divinizado por uma das comoções mais formidáveis que viu na vida. Para ele, Chico não sabia que valia uma dúzia de Caruso, de tão formidável que era. Cantador sublime, voz firme. Há muitos trechos nas diversas publicações de Mário que ele se refere a Chico Antônio.

Ainda por volta de 2011, o GDUFRN recebeu um convite da neta de Chico Antônio, Marta Viana, para participar de um evento na cidade de Pedro Velho/RN, onde nasceu e viveu Chico Antônio. Naquela ocasião, nem imaginávamos ainda criar o espetáculo (Des)Caminhos e, pouco sabíamos sobre a História de Chico Antônio e do seu encontro com Mario de Andrade. A partir dali parecia que o caminho começava a ser traçado. O grupo conheceu o Instituto Chico Antônio, e os laços afetivos com a neta do “cantador sublime”, foram se estreitando até retomarmos, em 2016, a ideia de construção do espetáculo.

Em março de 2017, novamente nos reunimos com a neta de Chico Antônio para organizarmos uma segunda viagem do Grupo ao município Pedro Velho. Na reunião discutimos o planejamento do evento, em que o GDUFRN iria apresentar um de seus espetáculos anteriores, durante evento em praça pública. E assim ocorreu, fomos dia 04 de abril e visitamos também os locais percorridos por Chico Antônio: Pau Grande/Samaumeira, ponto turístico da cidade e o Sítio Porteiras, onde ele morou.

Na ocasião coletamos informações relevantes sobre o artista. Marta falou mais sobre seu avô, recorrendo a sua memória pessoal, pois teve a

oportunidade de viver com ele, já Socorro dos Anjos, bisneta de Chico, apresentou lembranças advindas da memória coletiva junto as pessoas que conviveram com ele. As memórias não tiveram uma ordem cronológica, emergiram a partir do que Marta e Socorro foram lembrando, considerando que o sujeito que rememora faz a própria trajetória e que essa unicidade do tempo, tempo fenomenológico, narrado é frequente nas narrativas autobiográficas. Em tom jocosos falaram que seu avô aos doze anos já era “mulherengo”, vivia nos bordéis locais. Quando se casou deu muito trabalho para Amélia, sua mulher que sofreu muito porque ele bebia e a traía. Marta lembra que sua avó, Amélia, solicitava que Chico fosse à feira fazer compras para casa, mas ele bebia e começava a cantar chamando a atenção das pessoas ali presente, estas, encantadas com sua voz e seu dom de improvisar o coco, aproveitavam e forneciam mais uma dose de bebida para que continuasse a cantar. E assim, ele chegava em casa embriagado e com metade das compras feitas ou com nada. Marta lembra também da imagem cômica do avô indo para o bar e os cachorros o seguindo, “ele criava muitos cachorros”. Quando velho ele ia ao bar com “uma perna puxando” lá fazia o coco e chegava em casa ainda cantando. Lembrou ainda da gravação de um disco do avô, no Rio de Janeiro.

Solicitamos aos integrantes do Grupo que estudassem sobre Chico Antônio antes da viagem a Pedro Velho, que relesem o trecho do livro *O Turista Aprendiz*, em que Mário fala sobre Chico e seus lugares de encontro, e que lesem a matéria: “Nos alpendres com Mário de Andrade”, do jornal *Tribuna do Norte* sobre o encontro de Chico Antônio e Mário de Andrade. É importante esse envolvimento efetivo do dançarino na pesquisa, sobretudo para impulsionar o processo de criação, pois assim ele “se aproxima do que denominamos de uma consciência cênico-vivencial – aquela construída no envolvimento do corpo com o texto a ser dançado, encenado; com o espaço a ser criado-recriado, com o tempo a ser construído-reconstruído, ou seja, com a intencionalidade que mobiliza a ação, que cria percepção, que cria consciência e se expressa cenicamente.” (Alves, 2010, p.219).

A ida a Pedro Velho ocorreu no dia 08 de abril. Passamos o dia realizando visitas e coletando informações. Chegamos à cidade um pouco antes do horário previsto e aproveitamos para irmos conhecer os arredores do

Instituto Chico Antônio. Quando voltamos, Marta nos contou um pouco sobre o seu avô, Chico Antônio, a partir de suas lembranças, falou um pouco sobre o Instituto e seus planos para o mesmo. Após isso, Marta e Socorro nos apresentaram alguns documentos (recortes de jornais e revistas), fotos, a bengala de Chico Antônio e o seu ganzá, esses dois últimos são os únicos materiais que o Instituto possui dele. A documentação foi disposta numa mesa para que todos pudessem apreciá-la. Marta fez algumas observações enquanto apreciávamos. Em suas palavras: “ele deixou esse ganzá em casa, não era o que ele sempre usava, o que ele usava era feito de chumbinho e cilindro de alumínio” ou quando ela nos mostrou uma foto e disse “ele quase sempre se vestia com uma camisa azul ou verde”. Nesse momento ela falou um pouco do que lembrava do seu avô e disse: “o Boi Tungão foi um sonho que ele teve, lutando contra o diabo; por isso, sempre que ele ia cantar o Boi Tungão fazia uma espécie de ritual, se ajoelhava antes de começar a cantar”. Lembrança essa que também pertence ao escritor Mário de Andrade, segundo o autor: “Pra tirar o Boi Tungão, Chico Antônio geralmente se ajoelha. Parece que ele adivinhou o valor artístico e social sublimes dessa melodia que ele mesmo inventou e já está espalhada por toda esta zona de engenhos. Então se ajoelha pra cantá-la.” (Andrade, 2002, p. 314 e 315).

Depois do almoço fomos visitar o Sítio Porteiras, onde Chico Antônio morou. A casa feita de taipa foi derrubada pelo vento, devido à má estrutura e a falta de cuidado, pois a prefeitura e o governo do RN não se empenharam em manter a propriedade histórica. Quando chegamos ao local, percebemos que estava tomado pela vegetação e não dava para sequer ver a fundação da casa, vimos a árvore que ele aparece sentado na sombra cantando cocos no documentário Chico Antônio: O Herói com Caráter, dirigido pelo cineasta Eduardo Escorel, porém não pudemos chegar muito perto, pois essa também estava tomada pela vegetação. Seguimos uma trilha que, segundo Marta, seu avô fazia diariamente para visitar seus parentes que moravam próximos. Paramos na casa de seus familiares e fizemos um lanche com caldo de cana, oferecido com muito carinho e entusiasmo pelo neto de Chico Antônio, irmão de Marta Viana. Em seguida, fomos conhecer o balneário da região e fomos na

residência do prefeito da cidade. Voltamos para o centro da cidade para nos prepararmos para a apresentação.

Toda essa experiência juntamente com os sentimentos e memórias geradas em cada dançarino do GDUFRN, serviram para que promovêssemos os laboratórios em sala de aula e pudéssemos configurar a cena sobre Chico Antônio. Para essa cena tivemos uma preparação musical que permitiu os dançarinos também cantarem, o que a tornou mais emocionante junto com a voz do próprio Chico Antônio que surge, inconfundivelmente, no final da cena. O professor e artista Erhi Araújo promoveu os laboratórios musicais com o elenco e o acompanhou permanentemente.

No dia 24 de agosto de 2018, na perspectiva de um contato com um espaço natural e uma maior aproximação com as questões citadas por Mario na obra Macunaíma, o Grupo foi realizar um laboratório no Parque das Dunas, área de proteção ambiental de Natal aberto ao público, visando ter esse contato com a natureza e trazer a atmosfera que a cena Ânsia brasileira (Amazônia terra nossa/Macunaíma) buscava.

Em 14 de setembro de 2018 realizamos outra submersão na estação ferroviária de Natal, na perspectiva de aguçarmos nossa percepção sobre os caminhos percorridos e as sensações presentes numa estação de trem, contribuindo assim para a cena Estação Great Western (malas, partidas e paisagens). Na ocasião, não conseguimos adentrar no espaço, devido a uma intervenção militar estar ocorrendo em uma comunidade próxima da estação. Exploramos, então, a parte externa da estação e algumas ruas do bairro histórico da Ribeira.

Seguindo com o processo de pesquisa e de criação do (Des)Caminhos, fomos no dia 22 de setembro à feira livre do bairro Alecrim, em Natal. Lá o Grupo fez uma submersão, explorando o espaço e dançando a coreografia da cena Sabores e saberes (feira/cozinha). Essa submersão foi muito interessante para os integrantes do Grupo, ressaltada por eles ao mencionarem algumas de suas percepções: os modos dos feirantes venderem as mercadorias, os aromas sentidos ao passar por cada barraca, os bordões “minha banana é a melhor”, a humildade das pessoas, a competição e ao mesmo tempo o respeito

entre os vendedores, dentre outras percepções. Em seguida, fomos a Fortaleza dos Reis Magos.

Na Fortaleza dos Reis Magos, marco histórico da cidade de Natal, realizamos mais um laboratório envolvendo a atmosfera da cidade, a poesia tão mencionada por Mário, as dunas, as praias, o vento, tudo foi intensamente percebido. E a experiência ajudou a finalizar a cena “Natal, uma delícia familiar”.

Por fim, a última submersão foi em 29 de setembro na praia de Ponta Negra. Lá fomos experimentar as sensações da cena Pândega brasileira (país tropical), como sendo uma grande festa alusiva a ideia de um Brasil tropical, colorido, carnavalesco, turístico, do samba, da capoeira, da mistura étnica, porém, paradoxalmente, um país repleto de descaminhos, de miséria, de corrupção, do famoso “jeitinho brasileiro”. É isso que a cena, consideravelmente, se propõe a mostrar.

Essa etapa de visita aos lugares onde Chico Antônio viveu e a ambientes que contribuíram para as memórias de sua neta, foi fundamental na pesquisa, pois mobilizou os dançarinos a perceberem com seus próprios corpos “O corpo que tenho é o corpo que sou e justamente por isso percebo e posso ser percebido” (Alves, 2006, p. 44), implicando em estarem envolvidos na pesquisa de muitos e vários modos que a condição de corpo os permite. Como entendia Merleau-Ponty, ninguém consegue enxergar ou perceber além da sua própria existência, tudo está no mundo e por meio do mesmo que o homem desenvolve a percepção.

Toda experiência perceptiva é corporal (Merleau-ponty, 1999). O homem é seu corpo, este está no meio envolvido na percepção e na sensibilidade. Assim, nesses momentos a pesquisa buscou primeiramente um estudo dos fatos passados através das memórias/lembranças colhidas nas várias fontes já mencionadas, para em seguida, a partir das visitas, vivenciarmos e percebermos as sensações que esses lugares nos provocavam. Fazendo assim, uma ligação do passado com o presente, da lembrança à percepção (Deleuze, 1999).

Cabe ressaltar que a pesquisa não foi finalizada em julho de 2017, como estava previsto no cronograma inicial de atividades, pois tivemos mudanças na agenda do Grupo, sendo necessário pausar os laboratórios de submersão, para ensaiarmos os antigos espetáculos com vistas a viagem que o Grupo realizou para ao Maine/EUA, a convite da professora e artista norte-americana Debi Irons. O grupo viajou com dez de seus dezoito integrantes e realizou diversas ações em escolas de dança, teatro e escolas de ensino básico das cidades de Portland e Norway, no nordeste dos Estados Unidos. Na ocasião levamos três cenas do novo espetáculo, denominando esse recorte de Flash de um turista aprendiz. A viagem nos rendeu ótimas experiências, inclusive como “turistas aprendizes” no nordeste norte-americano. A diretora do GDUFRRN incluiu parte dessa experiência na cena da cozinha (a cena da passagem por baixo da mesa, sempre que saboreávamos algum delicioso prato nas casas norte-americanas) e na cena das cartas ao expressarmos as idas e vindas dos viajantes com suas malas. Nesta última, incluímos o ilário episódio da mala da diretora, que em pleno centro da cidade de Nova York quebrou e virou um obstáculo em termos de peso para levarmos nas nossas idas e vindas pelas longas ruas da metrópole.

No segundo semestre de 2017, após o retorno da viagem aos Estados Unidos, trabalhamos mais intensamente na finalização do processo cênico-criativo para que pudéssemos estreá-lo em 2018, esse período foi relatado acima, conforme cada momento vivido nos laboratórios de submersão.

O espetáculo teve sua pré-estreia na Reunião da ABRACE, em outubro de 2018, no Anfiteatro da UFRN. Na ocasião, embora não tenha sido possível incluir a projeção dos vídeos integrantes de cada momento cênico e de cada submersão vivida pelo elenco desde o início da pesquisa até os dias que antecederam a estreia, a repercussão do público foi muito satisfatória para o elenco. Recebemos relatos ao final da apresentação e posteriormente conversamos sobre isso no Grupo.

Após esse momento, tivemos duas apresentações caracterizadas realmente como estreia, nos dias 10 e 11 de novembro, na Escola de Música da UFRN, incluindo todos os itens programados, toda a textualidade cênica

planejada, as coreografias, o vídeo-arte, a luz, a sonorização, figurino e uma exposição sobre o processo. No que tange a exposição, a diretora montou parte dela com fotografias do processo e objetos alusivos a cada cena, incluindo envelopes com as cartas escritas pelo elenco no início do processo e outros envelopes com papeis em branco para o público, após assistir o espetáculo, poder escrever sobre suas impressões/percepções e endereçar ao Grupo. Sobre isso, ao final do artigo consta uma dessas cartas que recebemos após o espetáculo. Outra parte da exposição foi organizada pelo artista Joaonatal, que também possui pesquisa sobre Mario e seu encontro com Chico Antônio.

Todos os laboratórios de submersão foram registrados em filmagem e fotografias. Em sua maioria pelo artista André Rosa, que ao final produziu um vídeo-arte integrante do espetáculo. Sobre isso, concordamos que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens” (Debord, 1972, p. 12, *apud* Costa, 2009, p. 95).

A estreia foi sem dúvida, o momento de mais emoção para todos do GDUFRRN, tudo ocorreu sem maiores variáveis. Ao final realizamos uma homenagem à família de Chico Antônio e, posteriormente, recebemos cartas escritas por algumas pessoas que nos assistiram.

Por fim, nesse percurso de idas e vindas, de mais de dois anos ou, como nos diz o próprio Mário, “até onde o vento leva a toada”, foi ocorrendo o processo e sendo construídas as cenas que hoje compõem o espetáculo (Des)Caminhos, de modo que é possível percebermos a presença visceral de cada dançarino em cena, sobretudo, daqueles que participaram desde o início da pesquisa e das submersões. Eles dançam aquilo que viveram, que mergulharam, que foram impulsionados a experimentar, a lembrar, a articular com suas histórias e a criar/recriar. Eles dançarão e viveram muito mais, pois continuaremos caminhando carregando nossas histórias e dialogando com as histórias desses e de tantos outros Mários e Chicos. Muitos desdobramentos ainda virão dos nossos caminhos e (Des)Caminhos! Venham conosco!

“GDUFRN - GRUPO DE DANÇA DA UFRN

Espectáculo: (DES)CAMINHOS

Quanto tempo...

A simplicidade contagiante em relembrar o puro, a vida comum e já não tão cotidiana.

São sensações diversas e inusitadas dos Corpos Brincantes e Dançantes na desfaçatez do Popular.

É uma Reflexão Transformadora e bastante pessoal para um certo destino já distante... e que é para muitos... passado.

O caminho do (Des)caminhos Espectáculo de Dança do GDUFRN é a Exatidão do ir.

Sem ter medo das Recordações.

Me vi no palco em todos os momentos Brincando na Feira do Alecrim... Alecrim Dourado, De Festa, Do grito, Do Insulto na Hora da Xêpa!

Corpos Elucidativos Brincantes na cena de um espaço que julgo atemporal na voz do inesquecível Naná Vasconcelos!

O Pernambucano dos Sons do Mundo. Um cristal de valor incomensurável. Merecida e digna a Citação e a utilização do seu legado.

Imagens e Corpos se entenderam e juntos com a música provocaram, inverteram, entreteram e conseguiram com as interpretações nos levar ao silêncio pelo impacto!

Impactante!

A platéia fez silêncio o tempo inteiro. Sorriam comedidos.

O que será que sentiram?

Eu sonhei.

Voltei ao tempo, no tempo e no instante dos saltos e giros, quedas e suspensões.

Era corpo que ia e vinha.

Satisfação ao ver a Obra que consiredo Inacabada de tão Significativa e Plural que é.

O ritmo?

É nosso.

As coreografias invadiram a Beleza do Corpo Lúdico e Textual dos Intérpretes e de seus Corpos Brincantes.

Brinquem mais!

A Estética pulverizada de Saberes e Sabenças, senteciam o bom de se saber tempo e evolução.

Luz:

De velas...

Maestria na iluminação!

Mas... não apaguem o Candeeiro tão nosso.

Um Jogo de Imagens e Gestos que com a Luz e suas Cores e seus Tons deram a amplitude da Cena e dos Caminhos das suas e de seus Intérpretes.

Quanto Tempo...

O suficiente para me fazer sair de casa e rever as reminiscências num Espetáculo jovem com cara de ontem.

Me desnudei com a vestimenta e a danada da Mala que insistia em estar presente.

Há quanto tempo a mala vive nos sentimentos das despedidas?

Partidas? Vindas?

Vida em tempo inglorio.

Político!

Intuitivo!

Recado dado aos menestres da anticultura que assola e vem devastando o Tropical do nosso País.

Quero tapioca!

Bolo de Carimã!

Colo de Vó e de Vô!

Mãe e Pai!

Infância na Rua!

Biloca!

Pipa!

Boi de Reis!

Triângulo!

Pescaria da Festa Junina!

Menino e Menina!

Garrafão!

Bandeirinha!

Tica!

Dona Chica!

Quero a dúvida sem a dívida do esquecimento das nossas liberdades nas Madrugadas e das Canções para elas e eles que dançaram comigo e por mim.

Teodora Dora Alves Maga das sutilezas e das emoções multiplicadas por mil.

Gratidão!

Que a Estação, as cartas, a cidade, o ganzá, o cantador, sejam dignos da Baby Linda e pândega Natal.

E dos saberes com sabores para que não fiquemos inertes, presos e perdidos nesta ânsia de não realizar o que acreditamos.

Ao Grupo de Dança da UFRN/2018 Meu carinho mais que especial.

Ensaíem muito! sempre! como se fosse tudo a primeira vez. Se for AMOR, amem.

E Teodora pode me chamar a hora que quiser para conversar com vocês... É.

E EU?

Vou correndooooo.

Edson Vive!

E Eu o Amo incondicionalmente e a vocês também.

Amo a Dança!"

(Carta enviada ao GDUFRN por Anselmo Pamplona)

Professor de Dança e Expressão. Doutorando em Educação.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação – ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, 2003.

ALVES, Teodora. O que dizem os corpos quando dançam? Por uma consciência cênico-vivencial. In TOMAZZONI, Airton et all. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010.

ALVES, Teodora. Corpo religado: Entre o tradicional e o contemporâneo do corpo na dança. In SOUZA, Alysson e PINHEIRO, Elvis. **Tradições e contemporaneidade nas artes**. Fortaleza: Expressão gráfica e Editora, 2015.

ALVES, Teodora. **Heranças de corpos brincantes**: Saberes da corporeidade em danças afro-brasileiras, Natal, RN. EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

ANDRADE, Mario de. **O Turista Aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

COSTA, M. C. C. A leitura de imagens. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Orgs.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global Editora, 2009. p. 81-98.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Ed 34, 1999.

FREITAS, Guilherme. **O turista aprendiz, diário das viagens de Mário de Andrade, é relançado**. Jornal O Globo, 2015. Acessado em 21 de novembro de 2018. <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-turista-aprendiz-diario-das-viagens-de-mario-de-andrade-relancado-17984026>

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAIS, Marcos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: **Cartas**, 1924-1944. São Paulo: Global, 2010a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória educativa: narrativas de formação – recortes de um eu em crescimento e partilha. In: **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA:UNEB, 2006.

TELE-CINE MARUIM EMBRAFILME. **Chico Antônio**: O Herói com Caráter. Disponível em: <https://filmow.com/chico-antonio-o-heroi-com-carater-t109554/> Acesso em: 16 de junho. 2017.

TRIBUNA DO NORTE. **Nos alpendres, com Mário de Andrade**. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/nos-alpendres-como-mario-de-andrade/375959>. Acesso em: 16 de junho. 2017.